

A Assistência Espiritual e a sua Relação com a Psiquiatria

Donário Bencke

I. Fundamentos da moderna ciência psicoterapêutica.

Os dicionários definem a «psiquiatria» como a parte da medicina que se ocupa das doenças mentais ou psíquicas, ao contrário dos outros ramos da medicina que se ocupam das doenças físicas ou somáticas. A «psicoterapia» é, por conseguinte, a terapêutica empregada pelo médico-psiquiatra para tratar as doenças psíquicas, de acôrdo com os sintomas que o paciente apresenta. O objeto da psiquiatria é a assim chamada «psique» ou «alma» que, neste caso específico, deve ser interpretada no sentido não teológico de «conjunto das faculdades mentais e morais do homem». A psique é, portanto, imaterial, mas segundo a ciência tão real e objetiva como é o conjunto de órgãos que compõe o corpo humano.

Nem sempre o estudo da psique estêve incluído na medicina. Tempo houve, em que era objeto da filosofia e, desta forma, sempre também exposto a teorias especulativas ao lado das meramente empíricas. Na filosofia grega, por exemplo, PLATÃO realizou um estudo amplo da psique, uma verdadeira «psicologia», como postulado de sua teoria das idéias. Segundo Platão a alma humana tem uma preexistência e uma postexistência, entremeadas de diferentes encarnações. Já esta concepção, fruto da especulação filosófica, não pode ser sustentada pela ciência contemporânea, pois prevê um dualismo entre o corpo e a alma, atribuindo a esta a imortalidade. Platão compara a alma em si com a força conjugada de uma pãrlha alada e de seu condutor» (Fedros, 246); o objetivo do condutor de elevar-se ao reino das idéias conta com o apoio de um cavalo que é bom, mas é dificultado pelo outro que é mau e puxa para baixo.

A título de comparação vejamos em largos traços a «psicologia» ou melhor a «antropologia» de ARISTÓTELES, legada na sua obra «Peri psyches», ou seja, «A respeito da alma». Ao contrário de Platão, Aristóteles procura basear a sua concepção em observações empíricas. Não separa corpo e alma, mas defende a unidade entre ambos: a alma torna o corpo aquilo que éle é, sem a alma o corpo não passaria de uma massa amorfa, sem possibilidade de existência. Os dois, alma e corpo, completam uma substância uniforme depois que a alma se juntou ao corpo. Difere a alma humana da dos animais pela sua perfeição. O homem é um «ser racional», i. é., capacitado de raciocinar e, se necessário, até de per-

ceber os «axiomas» diretamente. Aristóteles também admite a existência de uma parte irracional da alma humana, formada pelos «instintos»; êstes podem ser orientados e canalizados pela «vontade», guiada pela «razão».

Sem perder de vista as teorias elaboradas por Platão e Aristóteles, que, ambas, tiveram grande influência sôbre a posteridade, inclusive infiltrando-se nas concepções cristãs de alma e imortalidade, em seguida passaremos de relance os três sistemas psicológicos que compõem o cabedal científico para os modernos métodos de psicoterapia. Aliás, veremos que dois fatores lhes são próprios, entre outros: 1º Querem basear-se em observações empíricas, frutos da pesquisa científica; 2º Os resultados das pesquisas científicas, por sua vez, podem ser aplicados imediatamente no diagnóstico e na terapêutica dos distúrbios psíquicos, ou seja, na psicoterapia.

1) A psicanálise de Freud.

Partindo da observação de sintomas que não se enquadram na medicina somática (p. ex., sensações de medo, de opressão, hipersensibilidade, falta de segurança, superexcitação nervosa, depressões, vícios, distúrbios sexuais, dores físicas para as quais o médico clínico não encontra causa orgânica), Freud passou a analisá-los sob o ponto de vista psíquico. Daí provém o termo «psicanálise». Admitiu a existência de um subconsciente, comparável a um porão, onde desde a infância se armazenam desejos escusos e negros, notadamente impulsos sexuais (Freud chama-os de «libido») que, na impossibilidade de se realizarem, são recalçados e esquecidos, mas não eliminados. Uma espécie de censor moral, o «super-ego», nos momentos de vigília procura impedir que êsses instintos subam ao «consciente» da psique. Os distúrbios psíquicos se originam, quando os impulsos instintivos do subconsciente são fortes demais para serem controlados pelo censor moral, ou, no caso contrário, quando o super-ego, de acôrdo com a educação da pessoa, exerce um contrôle rigoroso demais sôbre a manifestação dos impulsos instintivos. As neuroses bem como as psicoses (casos patológicos de neuroses) são sintomas de um desequilíbrio psíquico, resultante da discordância entre a ação dos instintos que desejam libertar-se e o censor moral que tenta abafá-los. Na prática, terapêutica o psiquiatra, por meio de perguntas feitas ao paciente, procura trazer à tona os impulsos ocultos que motivam os sintomas; em muitos casos isto já resulta na cura do distúrbio psíquico. Em casos mais graves o psiquiatra procura «sublimar» os impulsos, i. é., procura canalizar a energia que os mesmos libertam para uma ação construtiva, qual seja por exemplo, um trabalho árduo, a leitura, a prática de um esporte, uma ação filantrópica etc. Um auxiliar poderoso para o diagnóstico está na análise dos sonhos. Também a prática do hipnotismo é empregada para perscrutar o subconsciente e influenciá-lo no sentido de afastar impulsos negativos por sugestões positivas.

2) A psicologia individual de Adler.

Adler não olha para trás, para ver as causas de certas manifestações da psique, no subconsciente. Olha para a frente, para analisá-las de acôrdo com o seu objetivo. A pessoa não é capaz de pensar, sentir, desejar, cometer uma ação, sem ser levada por um objetivo». Os objetivos concretos estão subordinados a um «objetivo de vida «Lebensziel» ou «plano de vida (Lebensplan)» que se forma desde a infância, de acôrdo com impressões do mundo exterior, mas não compreensível à pessoa em seu conjunto. O «Lebensziel» é para Adler o que o subconsciente é para Freud: o responsável pelas ações do indivíduo, porque as determina. Em princípio é a tentativa da pessoa de superar deficiências ou sentimentos de inferioridade e assim concretizar o que Adler chama de «ideal da personalidade (Persoenlichkeitsideal)». O portador de um defeito físico, p. ex., procura compensar o sentimento de inferioridade que o mesmo desperta, isolando-se, ou fugindo da realidade, ou tornando-se ríspido, ou até cometendo um crime. Um sentimento de inferioridade pode inverter os papéis e tornar o seu portador egocêntrico e vaidoso, como que procurando a consideração dos outros. A conseqüência natural de um «objetivo de vida» deste tipo será a destruição da vida em comum, porque a pessoa procura polarizar tôda a atenção sôbre si mesma. Frustrações experimentadas na impossibilidade de concretizar o «ideal da personalidade» podem levar a crises neuróticas. Na terapêutica deve-se verificar que frustrações se escondem atrás dos sintomas e mais ainda, qual o «Lebensziel» do paciente. E' possível que este deva ser modificado em princípio. Uma educação falha, p. ex., pode ter contribuído para que o paciente tenha formado conceitos errôneos sôbre a realidade da vida. Deve-se restabelecer a auto-confiança, subtraindo-se os sentimentos de inferioridade de seu conteúdo patológico; deve-se procurar reintegrar o indivíduo na sociedade, substituindo-se a atitude egocêntrica pelo interêsse em seus semelhantes. Antes de tudo, porém, convém que a educação da criança já a oriente em seu «Lebensziel», para prevenir até certo ponto futuros distúrbios psíquicos.

3) A psicologia analítica de Jung.

Jung quis basear seu sistema em observações empíricas e isso, dedicando-se principalmente a pacientes de mais de 35 anos. Sua concepção da psique poderia comparar-se a uma pirâmide: o tópo é formado pela «persona», a impressão exterior que uma pessoa nos dá de sua personalidade ao travarmos conhecimento com a mesma, a «fachada» exterior da personalidade por assim dizer; uma camada logo abaixo compreende a «esfera do consciente», naturalmente mais ampla do que a persona; segue outra camada que compõe o «inconsciente pessoal», cujo conteúdo ultrapassa a esfera consciente; finalmente a base, o maior espaço, a atingir profundidades caóticas mesmo, representa o «inconsciente coletivo», um

verdadeiro cabedal de experiência psíquica, reunido pela humanidade desde que ela existe e herdado pelo indivíduo sem que ele dê por isso (exemplos: o indivíduo tem um conceito inato de medo, perigo, claro e escuro, nascimento, morte etc; Jung chama êsses conceitos inatos, comuns a toda a humanidade, de «arquetipos»). As quatro camadas que compõem a psique formam um conjunto, mas convém esclarecer que na realidade não são quatro camadas distintas e sobrepostas e sim um emaranhado, onde as diferentes partes se confundem. Os verdadeiros impulsos de energia provêm do inconsciente e encerram muito maior variedade do que o «libido» segundo Freud. O consciente não tem funções criadoras, mas somente receptoras e executivas. Não é capaz de explorar e identificar os mais profundos impulsos que determinam a vida psíquica da pessoa. Aqui está a causa das neuroses. As neuroses são «um sofrimento da psique que não encontrou o seu verdadeiro sentido» (Jung). Para a terapêutica das neuroses a análise dos sonhos constitui um grande auxiliar, como fonte de informações sobre o inconsciente. «O sonho é um teatro, onde nós mesmos somos palco, atores, drama, crítica e público» (Jung). E' que os sonhos exercem uma função compensadora, trazendo à luz impulsos do inconsciente que comumente não se podem realizar, mas que nos sonhos procuram uma compensação. Na terapêutica das neuroses o psiquiatra procura analisar a verdadeira identidade da psique. Para isso deve, antes de tudo, aceitar o paciente com todas as suas limitações, inibições e defeitos. Tudo depende de uma «objetividade livre de qualquer preconceito», com que o psiquiatra deve encarar o caso. Aos poucos descobre-se a verdadeira estrutura da personalidade, o «eu» objetivo, livre de toda ficção e obscuridade, o «eu próprio» ou o «eu em si» («das Selbst»), incluindo o seu lado sombrio e negro. O próprio paciente pode ficar perplexo diante do resultado da análise, já que vêm à tona valores e impulsos que nunca esperava encontrar em seu inconsciente. Na maioria dos casos a análise traz consigo a cura. «O objetivo que se segue para alcançar a cura é o fruto e o auge de perfeição duma vida que a si mesma se aceitou e se identificou em sua totalidade, conseqüentemente também em seu lado sombrio» (Jung).

Os três sistemas apresentados em síntese, que têm em seus autores os representantes mais distintos da moderna parapsicologia, representam na atualidade conquistas científicas, cujo valor não se pode subestimar. Não obstante a diversidade dos princípios em que se baseiam, da maneira como efetuam as pesquisas e dos resultados práticos para a terapêutica, em princípio os três, pela descoberta e exploração da dimensão do subconsciente ou inconsciente (não há diferença fundamental entre as duas expressões, já que ambas designam a dimensão que vai além da esfera consciente), abriram novas possibilidades no campo da psicoterapia. E isso numa época agitada como a nossa, quando são poucas as pessoas que são imunes à contração de distúrbios psíquicos, vem muito a propósito.

II. A psiquiatria vista pelo ângulo da poimênica.

E' um fato incontestável em nossos dias que os consultórios dos psiquiatras estão cheios de clientes, ao passo que apenas uma minoria procura o pároco, o cura d'almas, o pastor no verdadeiro sentido da palavra (a palavra grega para pastor é «poimén», donde derivamos a designação «poimênica»). Deve haver uma razão para isso. Já podemos antecipar que o motivo não reside num possível desinteresse pelos problemas da psique por parte do pastor, nem tampouco numa preponderância do médico-psiquiatra em matéria de conhecimentos científicos. Reside na maneira como se encara o problema aqui e lá, no critério que se adota para identificar um distúrbio psíquico.

A psiquiatria encara a psique como um mecanismo complexo, cujas partes, quando em funcionamento harmônico, têm por resultado uma vida psíquica normal e feliz. Vimos no capítulo anterior que o subconsciente exerce um papel de destaque no desenvolvimento da vida psíquica, uma vez que lá se alojam os verdadeiros impulsos a determinar ações, não só psíquicas mas até somáticas. Foi a descoberta do papel preponderante do subconsciente justamente o mérito da parapsicologia. A conclusão lógica é que o psiquiatra, durante o tratamento, procure principalmente descobrir os impulsos do subconsciente, controlados ou não pelo censor moral, responsáveis por um distúrbio psíquico. Podem ser impulsos sexuais não satisfeitos (Freud), pode ser um «Lebensziel» deficiente (Adler), pode ser ignorância ou mesmo ilusão a respeito da verdadeira estrutura da personalidade (Jung). Com isso referimos apenas as mais freqüentes possibilidades para se diagnosticar um distúrbio psíquico. Os sintomas que o paciente apresenta variam entre compensação disfarçada dos impulsos recalçados, inibições, limitações, complexos de inferioridade, e até distúrbios orgânicos, que, de acôrdo com a estrutura psíquica débil ou sólida de seu portador, podem ocasionar neuroses e, em casos mais graves até psicoses. (Por indivíduos de estrutura psíquica débil entendemos aqueles que não estão em condições de resistir satisfatoriamente a certas manifestações psíquicas destrutivas, fato que teria por consequência a anulação de seus efeitos negativos; os indivíduos de estrutura psíquica sólida, pelo contrário, seriam aqueles que, ou por natureza ou pela fôrça de vontade, não se deixam vencer por conflitos de origem psíquica, ao menos não permitem que uma degeneração patológica dos mesmos desequilibre a sua vida psíquica). Em todo caso são principalmente os primeiros passíveis de neuroses ou psicoses. Esperam do psiquiatra que os faça voltar a uma vida psíquica normal e feliz. O psiquiatra tem à sua disposição meios terapêuticos que visam ao diagnóstico e possível alívio dos sintomas. Citamos como método terapêutico por excelência o «diálogo psicoterapêutico»; tem por objetivo perscrutar e analisar o estado psíquico do paciente por meio do diálogo. O resultado será, p. ex., a descoberta de um trauma psíquico sofrido na infância, recalçado depois, mas que se tornou motivo para uma anormalidade

psíquica, a manifestar-se tôdas as vêzes em que a pessoa voltava a uma situação parecida àquela que motivou o trauma. Ou, então, afasta-se o teor patológico de um complexo de inferioridade, fazendo-se com que a pessoa deixe de atribuir importância vital a um defeito físico ou moral e procure compensá-lo por meio de uma atividade construtiva ou uma ação filantrópica, enfim, abra mão de si mesma, para dedicar-se aos outros; desta forma canalizará as energias libertadas para um interesse superior ao da própria pessoa. O tratamento dos complexos de culpa nos leva diretamente ao problema da limitação dos meios psicoterapêuticos. Também aqui, como em todos os casos, o paciente exige do psiquiatra um perfeito domínio da ciência psicoterapêutica e, como conseqüência, objetividade absoluta, «livre de qualquer preconceito», como diz Jung. Deve encarar o distúrbio como uma doença que atingiu a pessoa de fora, sem que esta tivesse culpa; deve considerar as circunstâncias, uma ocorrência desastrosa, um defeito na educação, enfim, qualquer fato livre da responsabilidade própria, como causa do estado psíquico anormal. E' esta atitude de neutralidade em que o psiquiatra coloca o paciente, o motivo mais forte que o faz procurar o psiquiatra em vez de procurar o pastor. Aquêlo não responsabiliza o portador pelos distúrbios psíquicos e procede à cura, considerando os sintomas meros sinais de uma vida psíquica desequilibrada, pela interferência de motivos alheios à própria pessoa. (Deve-se dizer que o psiquiatra pode responsabilizar seu paciente por descuido, tédio, falta de uma orientação segura na vida etc, mas o critério adotado para orientar o paciente será sempre ditado pela ciência, será imanente e secular. Talvez levei as considerações a um extremo que nem sempre serve de norma para a ciência psicoterapêutica, mas fi-lo de propósito, para salientar sua limitação, como ciência exercida dentro de limites puramente seculares). Não queremos condenar a psicoterapia em seus propósitos e reconhecer a sua utilidade em proporcionar ao cliente a felicidade de uma vida psíquica normal e sadia. Também não podemos negar que a chamada «paz do psiquiatra» traz o alívio dos sintomas. Mas a cura nunca pode ser completa e a paz, total, simplesmente porque a terapêutica não atingiu o verdadeiro foco do mal. Reconhecemos a verdade desta afirmação, encarando a pessoa humana à luz da palavra de Deus. A instância do Criador apresenta um critério absoluto e inegável para tôda a conduta na vida humana. O homem foi criado para viver na comunhão com Deus, na situação de criatura perante seu Criador. A criatura se declarou independente, alegando poder viver à própria custa. Inverteu a sua relação com Deus. O homem tornou-se autônomo, por livre escôlha de seu arbítrio, ser racional e dotado de auto-determinação que é. Ele mesmo quer traçar as normas para a sua vida. Antes de tudo quer viver. O próximo também pensa assim. Manifestam-se os frutos da separação de Deus: a falta de compreensão, a desconfiança, a sêde de mando, a inveja, o ódio, o assassinato. A culpa contraída perante Deus desde o pecado original se avoluma dia a dia! Cada ser humano contribui para o grande reservatório de culpa, por-

que cada qual vive as conseqüências de seu pecado original. A vida psíquica (a Sagrada Escritura também fala no coração do homem) do indivíduo reflete o pêso da culpa de tóda a humanidade. Por ser verdadeira culpa, tem suas raízes dentro do próprio subconsciente, determinando, por conseguinte, tódas as ações. Por ser verdadeira culpa, ela persegue a pessoa e a acusa perante o Criador. Talvez sejam as pessoas de estrutura psíquica débil as que mais sofram com esta realidade. Sòmente reconhecendo -se a própria culpabilidade, sujeitando-se ao juízo da lei de Deus, para receber o perdão em Jesus Cristo, restituir-se-á a paz, a paz verdadeira, porque representa a reconciliação com o Criador e com isso a volta à vida em comunhão com Deus.

Eis a realidade com que a psiquiatria deve contar: sua terapêutica visa apenas a sintomas de um mal muito maior, da raiz de todos os males. As doenças psíquicas que enfrenta (o mesmo vale para as doenças físicas) são conseqüências da perversão da relação com Deus. Baseada em teorias científicas, afastará os sintomas, mas sujeita-se a ser superficial e incompleta, porque não atinge o foco da doença.

Sòmente a prática poimênica, com a pregação do juízo e da graça de Deus, da culpa e do perdão, pode completar e consumir a prática psicoterapêutica, quando se visa a um auxílio total. A ilusória «paz do psiquiatra» será substituída pela verdadeira paz com Deus.

Jung, numa conferência proferida diante de pastôres, declarou: «Entre os meus pacientes de mais de 35 anos não está um único, cujo problema definitivo não é a sua mentalidade religiosa. Cada qual sofre com a perda da religião e não está curado antes de encontrá-la». Temos aí um exemplo, onde a própria parapsicologia vê a necessidade da confrontação do indivíduo com Deus, como condição que leve a uma vida psíquica normal.

Mas o interêsse da poimênica vai mais longe: quer chamar a atenção para a transitoriedade de todo auxílio natural e imanente diante da Eternidade. De que vale ao homem o tesouro de uma «mens sana in corpore sano», se êle não é rico para com Deus (Lc. 12,21)? Seria o mesmo que juntar tesouros na terra, sem considerar que todos os bens terrenos se limitam a esta vida. Não que tóda a tentativa de auxiliar para uma vida feliz aqui na terra fôsse supérflua e inútil! Certamente a missão do psiquiatra está de acôrdõ com a vontade de Deus. Mas não visa a um auxílio total, qual seja a reconciliação com o Criador. A possibilidade da salvação eterna mediante a fé em Jesus Cristo, eis o anúncio da poimênica.

III. A psiquiatria na função de ciência — auxiliar da poimênica.

Vimos no capítulo anterior que a concepção do homem como criatura de Deus o coloca acima de tóda antropologia natural, filosófico — especulativa ou empírica. Pelo poder de Sua palavra «criou Deus o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de

vida» (Gên. 2, 7). «E o homem passou a ser alma vivente», continua o testemunho do Gênesis. Eis o que a Sagrada Escritura entende por alma: o homem na totalidade de sua existência como ser vivente. Os animais também são seres viventes, mas a sua existência não alcança a perfeição do homem. O homem foi criado à imagem de Deus (Gên 1,26) i. é., foi dotado de qualidades idênticas às do próprio Deus. O dom mais elevado que o homem recebeu é o poder de raciocinar, graças ao conjunto de suas faculdades mentais. Como ser que raciocina, êle dá conta de si mesmo como alma vivente e, defrontando-se conscientemente com o seu Criador, reconhece o sentido de sua vida: a comunhão pessoal com Deus. Uma consequência do dom de raciocinar é a auto-determinação; esta é a base para uma verdadeira vida em comum, pois permite que o parceiro se decida por livre e espontânea vontade. O homem fêz uso dêsse dom para decidir-se contra Deus, declarando-se autônomo. Desde então o dom do raciocínio e da auto-determinação não lhe foram tirados por Deus, mas o uso dos mesmos perverteu-se e transtornou-se. A própria Sagrada Escritura o expressa assim: «O desígnio do homem é mau, desde a sua mocidade» (Gên. 8,21). O fato é, porém, que o homem continua sendo criatura de Deus, criatura decaída é verdade. Também continua dotado de suas faculdades mentais que, embora pervertidas, continuam sendo o meio pelo qual o homem dá conta de si mesmo como alma vivente. E estas faculdades mentais são o que a parapsicologia chama de «psique». Vemos, portanto, que o conceito da «psique» segundo a parapsicologia é muito mais restrito do que o conceito bíblico de «alma».

Mas o anúncio da poimênica tem como receptor justamente a psique de acôrdo com o conceito da parapsicologia. A pregação do juízo e da graça de Deus alcança o homem pelas suas faculdades mentais. Ao contrário do que acontece com o resto da criação, Deus ainda chama o homem diretamente, tratando-o como um «tu» que, pessoal e conscientemente, percebe a mensagem e, de livre e espontânea vontade, pode decidir-se, afirmativa ou negativamente, diante da oferta de reconciliação de seu Criador.

Se a parapsicologia chegou a êsse quadro complexo e dividido da psique humana, dá-nos uma idéia até que ponto levaram as consequências da separação da criatura de seu Criador: o homem perdeu a liberdade íntima, própria da criatura que vive no amparo de Deus, sua psique tornou-se campo de luta entre forças opostas e o homem, por si mesmo, é incapaz de restabelecer a harmonia psíquica, porque nem ao menos conhece a dimensão de seu sub-consciente. O próprio apóstolo Paulo parece aludir à divisão da vida psíquica quando afirma: «Não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, êsse faço» (Rom. 7,19).

Como ciência que se dedica à análise e terapêutica das doenças psíquicas, a psiquiatria fornece ao cura d'alma um aspecto da estrutura da psique, baseado na pesquisa científica, fato que o cura d'almas deve tomar em consideração na prática poimênica. A psiquiatria toma a função de ciência-auxiliar da poimênica. O pastor

não se tornará um psiquiatra, como se fôsse seu dever; restituir a saúde psíquica à pessoa. Para isso deveria ter o necessário preparo especializado; mas antes de tudo não é êsse o serviço que Deus lhe confiou. Deverá, isto sim, reconhecer o valor de uma psiquiatria honesta e objetiva, baseada em princípios científicos, como possibilidade de preparar um terreno propício à semente da palavra de Deus. Sômente conhecendo o cura d'almas, ainda que superficialmente, os métodos de psicoterapia, saberá avaliar a importância e necessidade cada vez maior do esforço da mesma para proporcionar ao homem a felicidade de uma vida psíquica normal. Nem tampouco agirá em antagonismo aos princípios da mesma, mas acompanhará, alicerçará e complementarará o trabalho do psiquiatra com a mensagem do Evangelho. Psicoterapia e poimênica, aliadas, conjugarão esforços para possibilitar ao indivíduo uma vida plena no verdadeiro sentido da palavra. A primeira, como ciência natural, analisará objetivamente a estrutura da psique; perscrutará o subconsciente à procura das causas naturais e imanentes que estão atrás dos sintomas; trará à tona possíveis traumas adquiridos em épocas da infância, impulsos recalcados, sentimentos de culpa, idéias fixas em conseqüência de um «Lebensziel» deficiente, complexos, enfim, a causa natural para o desequilíbrio psíquico. Certamente a poimênica deverá considerar todos os esforços do psiquiatra neste sentido como sendo de acôrdo com a vontade de Deus, pôsto que não ultrapassem os limites ditados pela ciência médica objetiva. O trabalho do psiquiatra deve ser comparado ao do médico-clínico, do qual Deus se serve para curar doenças físicas.

Há casos em que as pessoas parecem estar imunes ao chamado de Deus. O anúncio de Sua palavra parece alcançar apenas o consciente, não tendo ação em profundidade, porque o subconsciente já está tomado por outros valores que adquiriram caráter absoluto e conseqüentemente estão a determinar tôdas as fanifestações psíquicas. Antecipadamente a pessoa forma um critério para tôdas as impressões captadas pelo consciente, no nosso caso, portanto, também o critério para a recepção da palavra de Deus. A mensagem do Evangelho não pode transformar a sua vida, porque não penetra a totalidade de sua psique. O objetivo da pregação, no entanto, é a exigência do ser em sua totalidade para Deus. «Uma poimênica legítima não descansa antes de ter levado a palavra do perdão, na fôrça do Espírito e da oração, até as profundezas da psique e assim coloca novamente o homem real e totalmente sob o poder salutar da graça de Deus» (Thurneysen). Dá-se aqui a oportunidade de recorrer ao auxílio da psiquiatria: uma análise criteriosa e objetiva do estado psíquico da pessoa revelará a causa subconsciente para a evidente «dureza de coração». Não será provável que o psiquiatra possa trazer auxílio total, também não será esta a sua tarefa. Limitar-se-á à análise da verdadeira estrutura da psique, à descoberta do «eu próprio» ou do «eu em si», segundo Jung. O resultado da análise poderá surpreender o próprio paciente que, pelo auxílio do psiquiatra, foi levado a defrontar-se objetivamente com

os valores que orientavam a sua vida psíquica. Com isso deu um largo passo para uma possível transformação da mesma, transformação esta que se processará no momento em que reconhecer a inutilidade dos valores que antes orientavam sua vida psíquica e abrir o seu coração à mensagem do Evangelho de Cristo. Afastado o critério de caráter absoluto que antes avaliava tôdas as impressões captadas pelo consciente, estará melhor preparado para uma ação em profundidade da mensagem do Evangelho, uma vez que os obstáculos que oferecia, talvez inconscientemente, foram reconhecidos e superados. De acôrdo com as palavras de Thurneysen, a mensagem do Evangelho poderá ser levada «até as profundezas da psique e assim coloca novamente o homem real e totalmente sob o poder salutar da graça de Deus».

Para finalizar examinaremos um caso mais concreto quanto a uma possível conjugação de esforços entre a psiquiatria e a poimênica:

O egocentrismo religioso é uma compensação para a fuga à realidade. Uma pessoa que, por exemplo, sofreu frustrações no matrimônio, vê na prática da religião um meio de aplicar as energias que se libertam. Assiste regularmente às cerimônias religiosas, representa exteriormente ser possuidora de uma profunda fé em Deus e de uma vontade pouco comum de servir ao próximo. A sua «persona» pode dar esta impressão, quando na realidade a pessoa não está procurando nem a Deus, nem ao próximo, mas tão somente a si mesma. Necessitada de compreensão e de consideração, encontra a satisfação de seus anseios quando está no centro, quando parece que Deus, nos momentos de enlévo espiritual, vem somente a ela, para elevá-la a um mundo superior de sonhos e fantasias. Suas ações filantrópicas, vê-as recompensadas pela sensação de importância, pelo respeito e pela estimação que lhe são tributados. A mensagem do Evangelho não penetra em seu coração, porque ela não está disposta a submeter-se ao juízo de Deus, para receber o perdão. Os sentimentos religiosos não incluem a realidade do pecado e a necessidade do Salvador. No diálogo poimênico o pastor deverá ter o cuidado de não endurecer ainda mais o coração da pessoa, alimentando o seu egocentrismo com palavras sublimes e confortadoras. Com muito tato encaminhará a pessoa a um psiquiatra experimentado, o qual procederá a uma análise do estado psíquico, para trazer à tona os impulsos recalçados no subconsciente que procuravam uma realização disfarçada na pseudo-religiosidade. O tratamento visará à descoberta da verdadeira estrutura da personalidade que se revelará esquizofrênica, porque os verdadeiros impulsos subconscientes procuravam uma compensação disfarçada na vida consciente. Ruirá por terra o egocentrismo desmascarado e a pessoa estará em condição mais favorável ao anúncio da poimênica. O pastor, por sua vez, submeterá o resultado da análise do estado psíquico ao julgamento da palavra de Deus. Fará ver à pessoa que o estado esquizofrênico da psique humana reflete in concreto um mal muito maior, a raiz de todos os males, a relação pervertida da

criatura humana com seu Criador. Sòmente submetendo-se ao juízo da palavra de Deus, reconhecerá a sua própria culpabilidade, exteriorizada na orientação egocêntrica que dera à sua vida. Mas o Evangelho encerra muito mais do que o anúncio do juízo de Deus. Deus nos oferece a possibilidade de reconciliação, não à fôrça de méritos nossos, mas à fôrça da obra redentora de Cristo, em nosso lugar. A experiência desta incomensurável graça de Deus terá poder para dar uma nova orientação à vida: egocentrismo e auto-piedade serão substituídos pela fé em Deus e pelo amor que não mais procura os seus interesses, visto que reflete a experiência do perdão de Deus em Cristo.

Convém ressaltar, no final desta dissertação, que ainda acima de tôdas as possibilidades de uma conjugação de esforços entre a psiquiatria e a poimênica no sentido de alcançar uma relação pessoal entre a criatura humana e Deus, está a verdade: o Todo-Poderoso tem em seu poder, transformar o coração imune ao efeito da Faivra, sem servir-se de artifícios humanos, pelo milagre de sua graça. Por isso a verdadeira psiquiatria e também a verdadeira poimênica nunca comportarão sentimentos de auto-suficiência ou de compenetração do próprio valor, mas de humildade e de imperfeição, atribuindo unicamente à graça de Deus o êxito de seus esforços.